

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 23ª Reunião Ordinária do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES)**

**Palácio do Planalto, 20 de setembro de 2007**

Vocês perceberam que hoje não tem discurso, é uma folhinha. É porque eu não posso atrasar muito, não.

Primeiro quero cumprimentar todos os nossos companheiros conselheiros, as nossas companheiras conselheiras,

E dizer para vocês que eu acabo de fazer uma viagem que está me fazendo refletir um pouco sobre o papel do Brasil nesse mundo globalizado. Eu fui à Finlândia, à Dinamarca, à Noruega, à Suécia e, por fim, passei na Espanha para fazer uma atividade especial de apresentação do PAC. O que chamou a minha atenção nesta viagem é que muitas vezes a gente fica no Brasil acompanhando as coisas do Brasil pelo Brasil, e nós vamos perdendo dimensão do que o Brasil está construindo de expectativa e de perspectiva no mundo. Eu diria que é impressionante a imagem que o Brasil construiu lá fora. Alguns empresários têm andado comigo e têm percebido que, muitas vezes, nós nem acreditamos que eles estão falando de nós, tal é a importância que eles estão nos dando. E há uma razão de ser.

Primeiro, eu fui a Estocolmo, Schneider, inaugurar 600 ônibus totalmente a álcool que vão circular no centro de Estocolmo. Há um interesse marcante dos empresários e dos governos em entender e discutir a questão da mudança na matriz energética. E há uma expectativa, eu diria, acima de qualquer coisa que eu pudesse esperar, com relação ao aumento do comércio com o Brasil, ao aumento de parceria com o Brasil e ao aumento de investimentos no Brasil.

Eu fiquei meditando porque aqui, no Brasil, muitas vezes nós trabalhamos com pessimismo e não conseguimos, dentro de nós mesmos, ter uma visão do Brasil tal como ele é, tal como as coisas acontecem. E sempre que acontece uma coisa boa, nós ficamos procurando uma ruim para ficar justificando o nosso discurso. É uma coisa interessante.

Eu dizia para o Gerdau agora há pouco, que eu vou convidar uma reunião dos 100 ou dos 200 maiores empresários brasileiros para compreender um pouco, Sérgio Rosa, como é que funciona a nossa cabeça. E também para que a gente comece a perceber que da mesma forma, se nós não falarmos bem de nós mesmos, os outros não falarão. Defender os interesses do nosso País é condição fundamental para que este País se defina como uma nação influente nas decisões dos órgãos multilaterais.

Muitas vezes nós somos, talvez pela nossa origem, de ser um País colonizado, muitas vezes nós estamos sempre agindo como se tivéssemos que prestar contas a alguém das coisas que nós temos que fazer. A impressão que eu tenho é que nós não assumimos ainda, enquanto nação, o papel que nós temos que exercer no mundo.

Eu lembro quando nós criamos o G-20 na reunião de Cancun. E a reunião do G-20 foi uma daquelas coisas quase por impulso, ou seja, já que querem nos atropelar, vamos pelo menos fazer uma barreira para que a gente não seja atropelado de forma mais forte.

Conseguimos criar o G-20 e eu fiquei acompanhando o que se escrevia sobre o G-20 nos dias subseqüentes. Ora, a impressão que eu tinha era de que nós tínhamos criado um monstro para afrontar a política americana ou um monstro para afrontar a política européia. Nunca alguém dizia que nós tínhamos criado um instrumento de defesa dos países emergentes e mais pobres para nos contrapor à política dominante dos países ricos nas rodadas de comércio no mundo.

Como Deus escreve certo por linhas tortas, quis Deus que o G-20 ganhasse uma respeitabilidade, e hoje não há negociação comercial no mundo se o G-20 não estiver presente. E dentro do G-20, a importância que o Brasil ganhou, é uma coisa visível, é uma coisa que a gente pode apalpar porque é concreta e objetiva. Mas ainda assim nós temos um problema de percepção interna, nós temos um problema de incompreensões. Eu às vezes até entendo que, por razões culturais, quando a gente é subordinado muito tempo, a gente não consegue, mesmo tendo independência, exercê-la na sua plenitude porque estamos sempre olhando se alguém vai deixar.

Eu lembro de uma conversa que eu tive, ainda não era presidente da República, com uma grande figura brasileira, e essa pessoa queria saber o

meu programa de governo. Eu comecei a conversar e cada vez que eu falava essa pessoa dizia: “mas, o Império não vai deixar. Ah, o que vai fazer para a economia?” Eu respondia e ele: “Mas o Império não vai deixar. O que vai fazer para a agricultura?” Eu dizia, e ele: “Mas o Império não vai deixar”. Eu saí dessa reunião com a percepção de que nós tínhamos alguma coisa entranhada na nossa cabeça, que nem o Hino da Independência, nem o grito de Dom Pedro tinham chegado na cabeça das pessoas.

Quando se trata de fazer política internacional, essa coisa é mais séria, porque o Brasil tinha o hábito de ter um rumo só. O Brasil olhava para os Estados Unidos e para a União Européia e se esquecia de fazer uma coisa que qualquer país que tenha noção de soberania precisa fazer. Quanto mais diversidade nós tivermos nas nossas relações políticas e comerciais, mais seguros nós estaremos de não estar dependendo de um único parceiro.

Então, essa viagem aos países nórdicos me mostrou o quê? Ela mostrou que o potencial do Brasil é infinitamente maior do que qualquer um de nós possa pensar estando aqui dentro do Brasil. Talvez sejam poucos os empresários que tenham noção de compreender o nicho de oportunidades que existe para este País, quando este País ousar ser desaforado, ou melhor, quando este País ousar, quando este País determinar, enquanto nação, que quer ocupar um espaço que não é de ninguém. Mas aqui no Brasil, quando a gente pensa em criar uma embaixada, o que a gente ouve? “Ah, vai aumentar os gastos”, ou seja, um país que pensa assim, é um país que não tem uma visão estratégica de ocupação de espaço geopolítico, é um país que se contenta com o tamanho que tem e é um país que não quer crescer. Eu fico com inveja quando viajo o mundo e vejo em cada esquina uma embaixada americana, uma embaixada francesa ou uma chinesa agora. Eles ocupam todo o quarteirão e nós alugamos, de preferência, a menorzinha, a mais barata, porque senão vão escrever que nós compramos uma embaixada que daria para fazer 10 casas populares. E, portanto, nós não podemos comprar aquela embaixada.

Eu voltei dessa reunião convencido de que alguma coisa tem que mudar. Mudar no comportamento do governo, mudar no comportamento dos sindicalistas, mudar no comportamento dos empresários, mudar no comportamento da imprensa, porque hoje o Guido Mantega disse uma coisa

que é verdadeira: “se a gente quiser saber as coisas que o mundo pensa do Brasil, nós temos que ler a imprensa estrangeira.” É incrível, mas é isso que acontece dona Zilda Arns, porque nós somos tomados de um momento de fragilidade em reconhecer que nós crescemos, que nós viramos importantes, e nós ainda temos dúvidas em trabalhar com isso.

Aqui tem alguns empresários, o Maurílio, que está aqui na minha frente, tem viajado comigo por alguns países pobres e ricos. Eu tenho certeza de que na roda de empresários em que ele se junta para tomar cerveja, para tomar uísque também, se quiser, ou para tomar um guaraná, eu tenho certeza de que ele nunca ouviu aqui dentro os elogios que ele ouve lá fora, porque é uma deficiência nossa. A impressão que eu tenho é que de vez em quando a gente tem que pedir licença para dizer: olha, eu existo, eu quero participar. E o Brasil de hoje não precisa fazer isso. Nós temos importância, e temos importância conquistada com o sacrifício de muita gente, com o trabalho de muita gente, mas nós temos importância, é que a gente nunca a utilizou.

Eu lembro, Viviane, eu tremia quando me chamavam, quando anunciavam meu nome no sindicato, nos anos 70, nem me chamavam para falar não, anunciavam meu nome e minha perna começava a tremer. Eu não sabia que sabia falar. E o Brasil ainda não sabe o que ele pode fazer nesse mundo que está aberto a nós. Eu descobri isso nessa viagem porque os países são mais ricos, são países como a Noruega, de renda *per capita* de 74 mil dólares, são países de renda *per capita* de 30 mil dólares, que dão a impressão de que já está tudo resolvido. E nunca tudo está resolvido.

A demonstração desses países de fazer parceria conosco, de participar na questão do petróleo, de participar na questão do biodiesel, é uma coisa que eu imaginava que eles nem queriam conversar conosco. Aí saio de lá e vou para a Espanha. Eu mandei gravar, numa reunião do Conselho eu vou apresentar, os discursos dos empresários espanhóis sobre o Brasil. Não é empresário, Sérgio, que tem uma fundiçãozinha no fundo do quintal. São empresários de investimentos de 35 bilhões de dólares aqui, são empresários de investimentos de 10 bilhões de dólares. A imagem que eles têm do Brasil é algo que nós, brasileiros, não temos. Eu gravei, mandei a Radiobrás preparar. Um dia eu quero apresentar para vocês terem noção do que o mundo pensa de nós e para ver a diferença de comportamento entre nós, o que nós pensamos

de nós e o que eles pensam de nós.

Nós fomos fazer uma apresentação do PAC e eu acho que nós, eu pelo menos, voltei de lá extremamente otimista com a possibilidade de outras empresas virem investir aqui. Descobri que na Espanha tem um problema para a entrada das construtoras brasileiras, mas também descobri que no Brasil tem um problema para a entrada das da Espanha, nós vamos precisar construir juntos uma fórmula para que a gente possa trabalhar lá e eles possam trabalhar aqui.

Mas eu voltei convencido de que o Brasil não pode aceitar os discursos que nós fazemos diminuindo o Brasil, nem tampouco os discursos de algumas pessoas que tentam criar dificuldades para o Brasil. Eu vou dizer uma delas: a questão dos biocombustíveis. O biocombustível, se acontecer o que eu estou imaginando que vai acontecer, é uma revolução na área energética no que diz respeito a combustíveis e também no que diz respeito a energia elétrica, se acontecer o que empresários e governo estão pensando a respeito da produção de energia da biomassa.

Pois bem, esses dias eu cheguei a um país e levantaram para mim a idéia de que: “olha, o álcool tem um problema sério no Brasil, porque o trabalho na cana-de-açúcar é degradante”. E eu disse: é degradante, eu pelo menos não gostaria de ser cortador de cana. Agora, as pessoas só vão cortar cana porque não tiveram oportunidade de estudar ou não têm um emprego melhor. Tem duas coisas que nós temos que fazer: uma é colocar máquina e tirar o trabalhador fora. Ele vai ficar desempregado e será um problema social tão grave quanto o fato de ser degradante o corte de cana. E a outra é a gente combinar a mudança de atividade, formando esse profissional para alguma coisa que não seja o corte de cana. Mas aí eu me lembrei e perguntei o seguinte: há quanto tempo o teu país está com a matriz energética subordinada ao carvão? Você já escreveu algum artigo dizendo que é degradante o trabalho dentro de uma mina? Porque é muito mais degradante do que o corte de cana. Quem não sabe disso, entre numa mina de carvão como eu entrei, a 60 metros de profundidade, e acenda o estopim de uma dinamite para explodir, que você vai ver que você chega ao inferno em 5 segundos e depois você volta à normalidade. Então eu disse para ele: eu preferia trabalhar a vida inteira no corte de cana do que trabalhar numa mina de carvão.

Vai começar, agora, a aparecer as tentativas de criar dificuldades. “Ah, mas os biocombustíveis vão criar problemas na área de alimentos”. Depende, se nós formos fazer biocombustíveis de feijão, de arroz, de trigo, de milho, nós estaremos criando problema, porque nós vamos tornar o alimento mais caro, mais escasso, vamos tornar a carne mais cara, o leite mais caro, o derivado mais caro. Mas o Brasil está propondo uma outra coisa, o Brasil está propondo ter um zoneamento agrícola correto, definir claramente quais são as áreas que a gente deve plantar ou não, mas também a gente entender, por debate político, que o problema da fome no mundo hoje, não é por falta de alimentos, é por falta de renda e muito menos por conta do biocombustível. Porque se fosse assim, os países africanos estavam comendo todo dia, o Nordeste brasileiro estava comendo e a América Latina. Não se planta biodiesel e não se come. O problema não é esse. O problema é que nós vamos ter adversários do programa, é assim no mundo inteiro. E na história da humanidade, nós sempre vamos ter gente que vai tentar dizer que não é bom. Isso vale para os biocombustíveis e vale para qualquer outra coisa. Eu lembro o que diziam do álcool e lembro que as petroleiras, até a nossa querida Petrobras, nunca gostaram do álcool. O álcool era um filho estranho na matriz de combustível. E além do álcool a gente tem que impor o biodiesel, então, são dois filhos indigestos. Mas o que nós entendemos é que a questão energética passa a ser o tema prioritário nesse próximo período e a questão climática passa, concomitantemente, a ter a mesma importância, e nós não temos como escapar desse grande debate. E vamos ter que fazê-lo com a soberania e com o conhecimento científico e tecnológico que nós temos, que não devemos para ninguém.

Então, é importante esse trabalho, Schneider, que vocês apresentaram. Foi criada uma comissão aqui no Conselho. É importante que a gente aprofunde, porque eu cheguei num país e quem estava falando contra o biocombustível era uma empresa petroleira. Obviamente que eu não vou querer que o rei da Arábia Saudita nunca seja favorável aos biocombustíveis, mas eu quero convencer os companheiros africanos a fazerem parte da matriz energética. Se não tem petróleo vamos plantar o nosso petróleo. Eu disse em Genebra, outro dia, meu caro ministro Reis Velloso, que nós temos no máximo 10 países que têm petróleo. A tecnologia é uma coisa muito sofisticada, uma

plataforma de 200 mil barris custa 2 bilhões de dólares, gera 7 mil empregos e são poucos os países que detêm a tecnologia para fazer. O Brasil tem, por teimosia nossa, porque até 2002 diziam que o Brasil não tinha. O Brasil tem para fazer.

Pois bem, quantos países podem fazer uma plataforma? Quantos países têm petróleo? Agora, qualquer analfabeto do Planeta pode cavar uma covinha e plantar um pé de petróleo. As pessoas vão ter que entender que o aumento da produtividade do alimento hoje não se dá pela extensão da quantidade de hectares plantados, ela se dá pelo avanço da biotecnologia. E a cana-de-açúcar é o maior exemplo. Hoje, nós produzimos quatro vezes mais do que produzíamos em 1975, por hectare. Isso vale para todos os outros.

Eu estou aqui vendo o José Carlos Bumlai. Quanto tempo a gente demorava para matar um boi há 15 anos? Quarenta e oito meses. Hoje você mata em 18 meses. É que o Furlan não está aqui. Quanto tempo a gente demorava para matar um frango há 10 anos? Noventa dias. Hoje se mata em 40 dias. Daqui a pouco a gente está comendo antes de nascer. Esse é o dado concreto que este País tem que enfrentar, este País tem que assumir a sua grandeza.

Nós temos problemas? Temos. Nós temos problemas enormes. Os problemas que nós temos que são resultado do acúmulo de décadas de desprezo em cuidar deste País corretamente. Vai levar algumas décadas para a gente consertar, a gente não vai consertar em pouco tempo. Mas vamos olhar os dados da economia da semana passada, vamos olhar os dados da PNAD na semana passada, e vamos pelo menos dizer o seguinte: nós não resolvemos tudo ainda. Mas demonstramos que somos capazes de resolver. O caminho foi encontrado, o alicerce está montado, agora é construir essa parede juntos. Vai ter gente que não vai gostar, vai ter gente que vai ser contra. Na vida é assim. Tem gente que não gosta do seu trabalho dona Zilda, por inveja, porque não conhece ou porque gostaria de estar no seu lugar. Essa é a Humanidade. Mas eu penso que o Brasil já tem grandeza suficiente para dar um salto de qualidade e a gente virar do tamanho que a gente é de verdade, com a grandeza que nós temos, com a riqueza da biodiversidade.

Ontem eu disse, porque sempre encontro alguém que é dono da Amazônia no mundo, sempre tem alguém que acha que vai cuidar mais dela do

que nós, depois que eles destruíram a deles. Se vocês pegarem o estudo da Embrapa vocês vão perceber que, numa retrospectiva feita pela Embrapa, a floresta existente há oito mil anos, o Brasil só tinha 9% da floresta do Planeta. Hoje o Brasil tem 29,5% e o mundo desenvolvido tem o quê? Se a gente pegar a floresta existente há mil anos, o Brasil ainda tem 69,5% dela. A Europa tem apenas 0,3%.

Então, companheiros e companheiras, eu acho que está na hora de nós assumirmos a nossa maioria, a nossa maioria empresarial, a nossa maioria negocial, a nossa maioria sindical, a nossa maioria política e, com muita humildade, dizer que quer ser um país determinante nas decisões políticas deste mundo. Não dá para a gente ouvir o discurso contra a reforma da ONU, não dá para a gente ouvir o discurso da Rodada de Doha, em que os ricos não querem flexibilizar. Isso tem muito a ver com o nosso comportamento.

Eu acho que nós chegamos a um momento da nossa vida política, que nós construímos juntos, e nós poderemos fazer muito mais daqui para frente. Eu lembro que a indústria automobilística outro dia vinha ao meu gabinete chorar: “ah, porque estamos no vermelho Presidente, não vendemos, acabou o mercado”. Hoje estão chorando porque precisam produzir mais, porque tem mais pedido do que produção. Por quê? Porque acertamos o tom, acertamos na marca. A política tributária, Rigotto, você conhece isso como ninguém, por que todo mundo quer e não sai? Porque cada um construiu a sua na cabeça e é preciso que a gente construa a proposta do Brasil. O que é interessante para o Brasil? Eu acho, viu Rigotto, que está quase pronto, eu acho que daqui a alguns dias nós estaremos preparados para mandá-la para o Congresso Nacional e aprovar definitivamente para a gente ver se as pessoas param de encontrar culpado para as coisas neste País.

As pessoas falam da carga tributária, mas não falam dos ganhos. Ninguém fala quanto as empresas estão ganhando, quanto os bancos estão ganhando, o quanto a massa salarial está subindo. Ora, se vai tudo bem na economia, a empresa vai ganhar mais, o governo vai arrecadar mais, os trabalhadores vão ganhar mais, todo mundo vai ganhar mais. Agora, é importante não confundir aumento de carga tributária com aumento de tributo. E vamos ser francos, o Brasil está numa situação privilegiada, pode ter um ou outro setor que ainda não desencantou, mas no fundo, no fundo, se a gente



olhar para os últimos 25 anos vai perceber: nunca vivemos o momento que estamos vivendo. Não desperdicemos este momento. Nós o construímos e nós precisamos aperfeiçoá-lo.

Muito obrigado e boa sorte para todos vocês.